



## O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA DISSEMINAÇÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA: A EXPERIÊNCIA DE UMA INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS

The role of the University in the dissemination of solidarity economics: The experience of an incubator in Solidarity Economics

Le rôle de l'Université dans la diffusion de l'économie solidaire: l'expérience d'un incubateur d'entreprises pour des projets solidaires

El papel de la Universidad en la diseminación de la Economía Solidaria: la experiencia de una incubadora de Emprendimientos Solidarios

**Ana Paula Machado Bonora<sup>1</sup>**

Formada em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina – UEL em 2017. Durante a graduação, trabalhou com adultos e crianças com autismo em uma Organização Voluntária nas Filipinas; foi voluntária no Centro de Reabilitação SORRI em Bauru, com idosos deficientes; fez iniciação científica na área de Economia Solidária e também participou de um projeto de extensão com a mesma temática. Participou como colaboradora em um projeto auxiliando adolescentes na escolha profissional; fez estágios na área da Psicologia do Trabalho em uma Unidade Básica de Saúde, com foco nos funcionários; em uma Instituição para deficientes visuais, com idosos e em uma Clínica Psicológica, com atendimentos a adultos com base na teoria Psicanalítica.

**Rosely Jung Pischio<sup>2</sup>**

Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina – UEL (1986); Mestrado em Ciências Sociais pela mesma universidade (UEL) 2002. Doutora pela Faculdade de Educação na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp (2014). Professora adjunta da Universidade Estadual de Londrina - UEL no curso de Psicologia do Departamento de Psicologia Social e Institucional, atuando principalmente nos seguintes temas: trabalho e educação, economia solidária, subjetividade e trabalho desemprego e saúde mental. Atualmente atua em diversas disciplinas e também como tutora em Programa de Residência da Saúde da Mulher apoiando usuários, discentes e programas voltados a saúde do trabalhador.

### RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar como a Economia Solidária, juntamente com o trabalho das incubadoras, pode auxiliar na inserção de trabalhadores excluídos do mercado formal por poderem contar com os conhecimentos produzidos pelas universidades, e como as universidades podem facilitar a disseminação da Economia Solidária. A pesquisa foi feita com os membros da Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Estadual de Londrina (INTES –UEL) e trabalhadores assessorados. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, seguidas de uma análise de conteúdo dos principais tópicos obtidos. A partir dos relatos dos participantes foi possível articular essa disseminação com o campo educacional e metodológico no sentido de auxiliar nas discussões sobre o papel da Universidade frente a este novo campo. Os resultados indicam que há necessidade de discutir este papel nas diferentes instâncias da Universidade como intuito de favorecer a divulgação da Economia Solidária no meio acadêmico. Ademais, é necessária ainda uma melhoria na estrutura e na forma de

<sup>1</sup> E-mail: [anapaula.machadob@gmail.com](mailto:anapaula.machadob@gmail.com)

<sup>2</sup> E-mail: [pischio@sercomtel.com.br](mailto:pischio@sercomtel.com.br)

organização do programa dentro da Universidade. Deste modo, torna-se imprescindível fomentar um maior diálogo entre os atores envolvidos para a consolidação da proposta, e conclui-se, com base nesta pesquisa, que ainda há um longo caminho a percorrer.

**Palavras-chaves:** Universidade, Economia Solidária, Inclusão social.

---

#### ABSTRACT

The present research has as objective investigate how solidary economy together with the work of the incubators and the university's knowledge can aid the insertion of excluded workers. It also highlights how the university can disseminate the solidary economy. The research was made with members of the solidary economy incubator of the Londrina State University (INTES-UEL) thorough semi-structured interviews and context analysis. The results made possible to understand this dissemination and the role of the university in this field. The results indicate that there is a need to discuss this role in the many stances of university, with the intention to disseminate solidary economy. The results also point out that there is a need for better structure to the program, we conclude that there is a need to amplify the dialog and that there is still a long road up front.

**Key words:** University, Solidary Economy, Social Inclusion

---

#### RÉSUMÉ

Le but de la présente recherche est objectif d'étudier comment l' Economie Solidaire, ainsi que le travail des incubateurs, peuvent aider à l' insertion des exclus du marché formel, car ils peuvent compter sur les connaissances produites par les universités et sur la manière les universités peuvent faciliter la diffusion de l' Economie Solidaire. La recherche a été réalisée avec les membres de l' incubateur de joint ventures de l' Université de Etat de Londrina (INTES-UEL) et des travailleurs. Des entretiens semi-structurés ont été réalisés suivis d' une analyse de contenu des principaux sujets obtenus. A partir des rapports des participants, il a été possible d' articuler cette diffusion avec le domaine de l' education et de la méthodologie afin d' assister discussions sur le rôle de l' Université dans ce domaine. Les résultats montrent le besoin de discuter de ce rôle dans les différentes instances de l' Université en vue de favoriser la diffusion de l' Économie Solidaire dans le milieu académique. Des améliorations dans la structure et l' organisation du programme au sein de l' Université sont par ailleurs nécessaires. Il est donc indispensable d' encourager un plus grand dialogue entre les différents acteurs impliqués afin de consolider la proposition et nous concluons, d' après les résultats de cette recherche, qu' il reste encore un long chemin à parcourir.

**Mots-clés:** Université, Économie Solidaire, Inclusion Sociale

---

#### RESUMEN

La presente investigación tuvo como objetivo comprobar cómo la Economía Solidaria, en conjunto con el trabajo de las incubadoras puede auxiliar en la inserción de trabajadores excluidos del mercado formal y que puedan utilizar de los conocimientos producidos por las universidades y como estas pueden propiciar la diseminación de la Economía Solidaria. La investigación fue realizada con los miembros de la *Incubadora de Emprendimientos Solidarios da Universidade Estadual de Londrina (INTES – UEL)* y trabajadores asesorados. Fueron realizadas entrevistas semi-estructuradas, seguidas de un análisis de contenido de los principales tópicos obtenidos. A partir de los relatos de los participantes fue posible articularle con el campo educacional y metodológico en el sentido de auxiliar en las discusiones sobre el papel de la Universidad delante a este nuevo campo. Los resultados indican que existe necesidad de discutir este papel en las distintas instancias de la Universidad con el intento de propiciar la divulgación de la Economía Solidaria en el medio académico. Además, es necesario aún una mejoría en la estructura y en la manera de organización del programa dentro de la Universidad. De este modo, es imprescindible promover un mayor diálogo entre los actores involucrados para la consolidación de la propuesta, y se concluye, con base en esta investigación que todavía existe un largo camino a recorrer.

**Palabras Clave:** universidad, economía solidaria, inclusión social

---

#### INTRODUÇÃO

O tema central deste trabalho é problematizar pontos importantes da

relação Universidade e Economia Solidária. O modelo desenvolvido por meio das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCps), definidas como

organizações vinculadas à universidade, tem o propósito de assessorar trabalhadores na criação de cooperativas de autogestão, além de auxiliarem em atividades de ensino e pesquisa, fundamentado nos princípios da Economia Solidária (de Oliveira Lussi, Tessarini & Morato, 20015) [1]. Esse modelo foi implantado a partir dos anos 90, representando um programa acadêmico com o objetivo de aproximar-se das comunidades e auxiliar na construção de um novo campo teórico apoiado por práticas solidárias.

Antes de aprofundar o tema incubadora, pretende-se conceituar a Economia Solidária, que, segundo França Filho (2002), traz uma nova perspectiva a respeito da regulação da sociedade, que não se baseia na atuação do Estado ou no mercado, mas na relação economia e sociedade. Essa nova forma de economia tem sido objeto de diversos trabalhos e pesquisas acadêmicas no Brasil, como o trabalho de Gattai e Bernardes (2013), que estudaram a participação de pessoas em movimentos de economia solidária e como a universidade poderia contribuir neste processo por meio de projetos de extensão. Além deste, multiplicam-se estudos junto a docentes e discentes, no intuito de realizar ações e atividades junto a comunidades carentes, de entender e colaborar com a inclusão produtiva, além de um aumento significativo por uma alternativa de trabalho diferente do modelo capitalista. Surgem, ainda, cursos de pós-graduação com a temática e criação de centros de pesquisas em instituições privadas e públicas atuantes nesse campo.

Gaiger (2012, p. 314) confirma esta reflexão:

Há indicadores do crescimento da produção acadêmica sobre a Economia Solidária, tais como a evolução temática dos Grupos de Pesquisa no Diretório do CNPq (entre 2009 e 2011, o número de grupos vinculados à economia Solidária elevou-se de 92 para 130) ou o banco

de currículo Lattes (5.508 pesquisadores declinam o tema, dos quais 1708 são doutores e 196, bolsistas de Produtividade – dados de março/2012). O mais sugestivo, no entanto, é o crescimento exponencial das teses e dissertações registradas pela CAPES com referência à Economia Solidária: de 36, no quinquênio 1996-2000, passaram a 195 no período posterior, até 2005, e a 404, nos últimos cinco anos (2006-2011).

Com a criação de projetos deste tipo, as universidades passam a ter um papel fundamental na disseminação da Economia Solidária. O principal intuito é alcançar as comunidades por meio de seus discentes e docentes e, com sua experiência e conhecimento, auxiliar na organização coletiva, no processo de formação e na gestão e desenvolvimento de produtos com base na Economia Solidária, para que, deste modo, seja possível contribuir com o desenvolvimento de autonomia, cidadania e participação democrática dos envolvidos.

Cabe aqui o conceito extensionista, tão implementado nas Universidades, que se reflete no conhecimento e na transmissão do saber, transformando o pensar daqueles que “sabem pouco” para que possam igualmente “saber mais”. A extensão na Universidade possibilita a relação entre universidade e sociedade, que acontece como uma troca no qual a sociedade dá para a universidade a chance de esta colocar em prática seus conhecimentos acadêmicos por meio de um processo educativo, cultural e científico (Serrano, 2013).

Na extensão está a reflexão, a visão de mundo daqueles que a levam, que se superpõe à daqueles que recebem, não pacificamente, mas contando com a presença do sujeito face ao mundo que lhe é apresentado, entendendo a realidade e transformando-a. Segundo Freire ( p. 7), “(...) é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer, por isso mesmo é que, no

processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido". Esta é a base do processo socioeducativo, que, segundo Freire (2005, p. 5):

Ao analisar o processo socioeducativo presente na participação da população em grupos de Economia Solidária, buscam-se pressupostos pedagógicos que falem de uma educação problematizadora. Esse processo de educação possibilita a transformação da realidade e do educador e é capaz de auxiliar o educando a problematizar a realidade e a destruir mitos.

Os trabalhadores, ao se aproximarem da Universidade, poderão estreitar uma relação que sempre se mostrou distanciada e assim contribuir com a verdadeira função da Universidade, que é transmitir conhecimento e ser um facilitador na criação de espaços educativos que tenham como princípio o atendimento da população. Para tanto, a Universidade dispõe de todo aparelho estrutural e científico, abrindo seus espaços e portas para a troca efetiva e diversificada dos diferentes segmentos da sociedade. Figueiredo et al. (2000, p. 43) observam:

As iniciativas oriundas das atuais políticas universitárias se fundam sobre uma concepção ampliada da responsabilidade social da universidade que, por sua vez, baseia-se em uma intervenção reformista nos problemas sociais, assim como sobre a valorização das lutas das classes populares para a construção de uma sociedade mais justa.

Assim, as incubadoras foram criadas no Brasil com o propósito de disseminar conhecimentos e de auxiliar no processo de inclusão produtiva da classe que vive fora do mercado formal de trabalho. Em meados

da década de 90, essa ideia germinou com a participação de reitores de diversas universidades brasileiras, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal de São Carlos.

Neste contexto, as incubadoras surgiram como uma resposta das universidades ao desafio de realizar projetos com intuito de desenvolver ações que permitissem aos setores populares retomar sua condição econômica e seu dever de cidadania. O Proninc – Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares [2] tem como objetivo fortalecer os processos de incubação de empreendimentos solidários, por meio da geração de trabalho e renda, com foco na autogestão, além da pesquisa acerca de referencial teórico e metodológico sobre os processos de incubação e da criação de cursos e ações para disseminação da economia solidária no ensino superior, segundo decreto n.7357 (Brasil, 2010). O Proninc constitui uma das principais ações inscritas na Política Nacional de Economia Solidária empreendida pela SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária, por meio do Programa Economia Solidária em Desenvolvimento, no Ministério do Trabalho e Emprego. Este programa assume papel primordial no processo de fortalecimento dos que atuam na Economia Solidária e procura apoiar e discutir temáticas no sentido de auxiliar no desenvolvimento das relações solidárias e cooperativas. De acordo com Eid (2004, p. 2):

Uma incubadora universitária de empreendimentos de economia solidária – associações e cooperativas populares urbanas e rurais, além de empresas auto-gestionárias - pode constituir-se em um espaço importante onde se desenvolvam pesquisas teóricas e empíricas sobre a Economia Solidária, cuja ação política pode voltar-se para atender uma classe social desprovida dos

meios de produção. O empreendimento permanece vinculado à incubadora, pretendendo-se que em um determinado tempo, que varia a cada caso, conquiste sua autonomia para atuar no mercado. Ao mesmo tempo, demandas sobre assessoria pontual surgem e podem ser atendidas pelo coletivo da incubadora.

Nesse sentido, a Economia Solidária e o trabalho das incubadoras podem proporcionar espaços para que trabalhadores excluídos do mercado formal possam experimentar ciência e tecnologia transmitida pela universidade.

A Economia Solidária é um sistema que tem como base valores de cooperação e de solidariedade no intuito de gerar renda (Gonçalves, dos Santos, & Capelari (2012), mediante mecanismos de democracia participativa, visando à emancipação e o bem estar individual, comunitário, social e ambiental.

Ao participar da Economia Solidária, trabalhadores passam a se organizar coletivamente de forma a se apoiarem. Santos (2010, p. 2) confirma esta afirmação:

As iniciativas de Economia Solidária empenham-se em construir alternativas socioeconômicas sustentáveis, assumindo um compromisso com um modelo de desenvolvimento que consiga integrar sustentabilidade econômica, social, ambiental e cultural, contribuindo assim para o aprimoramento do próprio ser humano, ganhando na riqueza dos relacionamentos e no convívio social comunitário.

Neste artigo, não pretendo esgotar todos os conceitos e os diferentes olhares dos autores da Economia Solidária; no entanto, não posso deixar de citar Paul Singer, fundador e idealizador teórico da Economia Solidária no Brasil, que afirma

que ela é uma alternativa, que a sociedade civil tem de se organizar, estabelecer processos emancipatórios e gerar renda por meio de uma alternativa de trabalho diferenciado.

Em seu livro *Introdução à Economia Solidária* (2002), Singer deixa clara a forma como a Economia Solidária trabalha, bem como as suas características e princípios. Seu objetivo é esclarecer aos trabalhadores como podem viver da Economia Solidária e organizar-se sob um modelo democrático, participativo, em que todos administram conjuntamente as atividades que precisam ser realizadas. Princípios democráticos, autogestão e sustentabilidade regem essa modalidade de trabalho e, para o autor, o fundamental não está só na geração de trabalho e renda, mas também na formação de conhecimento, melhoria da autoestima, aprendizagem e desenvolvimento da cidadania.

Assim, nota-se que a Economia Solidária e o trabalho das Incubadoras de Empreendimentos Solidários carregam em seu bojo questões importantes no campo educacional. Seu trabalho envolve temas de diversas áreas de estudo, práticas extensionistas e atividades de desenvolvimento humano que fazem com que se aproximem de uma atuação importante no sentido de construir a Economia Solidária junto aos trabalhadores, ou seja, dar suporte em diferentes áreas a fim de facilitar o engajamento social e econômico, o desenvolvimento dos negócios, a comercialização e sobrevivência dos envolvidos.

As incubadoras fornecem todo esse suporte e envolvem-se num processo de assessoria e de trocas de saber. O conhecimento a ser transmitido no cotidiano dos trabalhadores assessorados tem um caráter educativo, quer seja na participação ou na transmissão dessa Economia Solidária. Este modelo é o mais tradicional e utilizado pelas incubadoras: trabalham com atividades interativas,

oficinas e metodologias dialogadas, como descritas abaixo:

A metodologia de incubação deve ter a clareza da necessidade de educação unitária, que busque superar a fragmentação do conhecimento por via de um processo interativo entre os agentes – educadores e educandos. Entende-se que os métodos são caminhos, sugestões, possibilidades, portanto, não há fórmulas prontas. O conceito de interdisciplinaridade, que perpassa toda a economia solidária, quando pensado em sua complexidade exige que se supere os limites entre as disciplinas e que seja formulado como transdisciplinaridade. No entanto, incubação é trabalho recente como extensão universitária e como experiência transdisciplinar. Exige preocupação com a responsabilidade diante das expectativas geradas (EID, 2004, p. 1).

Ainda sobre a forma como esse trabalho se estabelece, Cruz (2004) esclarece:

Com diferentes nuances de métodos e técnicas, em geral, a pré-incubação caracteriza um período de aproximação e de identificação das potencialidades do processo em cada caso, com estudos de grupo e de viabilidade econômica. Como já apontado, a incubação articula assessoria e formação com diferentes ritmos, conteúdos e métodos pedagógicos. A desincubação, igualmente com diferenças, encaminha a desvinculação entre incubadora e cooperativa (p.14).

Como menciona Cruz (2004), existem outros tipos de trabalho que as incubadoras executam junto às cooperativas; são ações ligadas ao processo de incubação, que podem ocorrer

paralelamente ou em um momento distinto a esse processo, variando graças à metodologia adotada por cada incubadora. Essas ações fazem parte do processo de assessoria e consultoria, baseiam-se na formação e qualificação e têm como objetivo ajudar as cooperativas e/ou grupos de trabalhadores em relação a sua estrutura e viabilização econômica. Outro ponto está em oferecer diálogo e prestação de serviços técnicos que garantam que a cooperativa continue funcionando e crescendo mesmo após a desincubação (p. 12).

Na assessoria, a equipe da Incubadora se desloca até o local de trabalho dos cooperados e passa a transmitir, por meio de oficinas, minipalestras e diálogos constantes, conceitos voltados para o entendimento e prática da Economia Solidária.

A Universidade, a partir da equipe extensionista, passa a ter o papel de educador junto ao grupo de Economia Solidária. Ela participa em situações do cotidiano do grupo, auxiliando no seu desenvolvimento, refletindo sobre as características das situações vividas, problematizando-as e estimulando as pessoas a pensarem em como solucionar os problemas de forma inovadora e em grupo, cooperativamente.

O processo de assessoria implica o auxílio no processo produtivo e na formação/capacitação dos trabalhadores com intuito de gerar trabalho e renda. Este é, portanto, um dos desafios que está colocado às incubadoras universitárias e que se relaciona à Educação: as incubadoras passam a ser responsáveis pela transmissão de conhecimentos em diversos níveis para os trabalhadores que se envolvem em projetos de Economia Solidária.

Assim o estudo se propõe a refletir sobre o papel da universidade na disseminação da Economia Solidária e como o trabalho da incubadora é importante neste sentido, tanto para a equipe como para os trabalhadores dos empreendimentos assessorados. Cabe às incubadoras universitárias problematizar e pesquisar

como essa relação vem sendo desenvolvida e assim contribuir para o entendimento e a disseminação de atividades e ações com gênese na proposta de Economia Solidária.

## MÉTODOS

Trata-se de um relato de experiência com o intuito de dialogar com os participantes da equipe do projeto INTES – UEL/ Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Estadual de Londrina. O estudo traz vivências e considerações significativas que demarcam a relação da equipe com a Universidade e os trabalhadores da Economia Solidária.

Um primeiro aspecto do estudo foi a utilização de entrevistas junto ao coordenador (1), membros da equipe da Incubadora (3) e alguns trabalhadores assessorados (5). Deste modo, foi possível evidenciar a forma como a Economia Solidária era transmitida e também os aspectos educacionais implícitos neste tipo de trabalho.

Foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado e as perguntas iniciais referiam-se a dados sobre as atividades e caracterização da forma de trabalho (histórico, atividades, rotina, tarefas, oficinas aplicadas, e como a Economia Solidária era disseminada); num segundo momento, ressaltava-se o papel da universidade, o papel educacional em relação à disseminação da Economia Solidária junto aos trabalhadores. As entrevistas foram realizadas individualmente tanto pelo próprio pesquisador como pelo discente participante da pesquisa, após a aprovação formal do Comitê de Ética em Pesquisa sob o número 049/2014 – registro no CONEP 5231.

A sintetização das entrevistas transcritas se deu por meio da análise de conteúdo, definida como uma metodologia de pesquisa utilizada para relatar e interpretar o conteúdo de um texto de maneira sistemática que auxilia numa

reinterpretação além da leitura comum (Moraes, 1999). Ela é feita por meio da análise categorial, que constrói categorias conforme os temas que surgem no texto e os agrupa de acordo com a sua semelhança (Caregnato & Mutti, 2006). Deste modo, todo material coletado por meio das entrevistas foi organizado até que fosse possível identificar tendências e padrões relevantes. Foram delimitados e organizados tópicos em relação à formação e disseminação da Economia Solidária e ao processo das principais ações que ocorrem dentro de uma incubadora. Demarcou-se, ainda, trechos que tivessem conexão com os aspectos educativos e proporcionassem um entendimento do uso da Economia Solidária e seu sentido para a equipe e para os participantes deste projeto.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para este artigo optou-se por fazer uma discussão após a apresentação de cada relato, sinalizando assim as falas dos entrevistados. A pesquisa evidenciou que há uma relação em construção frente à Incubadora de Empreendimentos Solidários e a Economia Solidária, e que esses dois temas precisam ser mais bem explorados por todos os atores envolvidos nesta modalidade de trabalho.

A pesquisa mostrou que colocar em prática os princípios da Economia Solidária no cotidiano de trabalho não é fácil, mas há consciência de que o papel formativo esteja presente não só na equipe, mas em todos os participantes. Ou seja, a equipe tem clareza de que seus ensinamentos e diálogos podem auxiliar no empoderamento do grupo, na conscientização e no exercício da cidadania dos trabalhadores assessorados, como no relato do coordenador abaixo:

*A gente quer não só que a incubadora tenha uma estrutura forte, mas que os grupos também, que os alunos e discentes saibam o quanto este projeto socioeducativo é importante*

*para os trabalhadores e que isto seja disseminado de forma a auxiliar na consciência do grupo, no desenvolvimento da Economia Solidária, portanto o cuidado com a transmissão dos conhecimentos, com a linguagem, com os recursos e as formas como tudo isso é planejado se torna imprescindível no projeto incubadora.*

A forma como tudo acontece em uma incubadora é importante, pois a incubadora é responsável por disseminar esse jeito diferente de produzir e de desenvolver a sua tecnologia social, ou seja, nas suas metodologias, naquilo que se pensa e planeja, nas estratégias pedagógicas que serão apresentadas ao empreendimento e a todos que dela participam. De acordo com Adams, Scholz, Cargnin e Hossein (2001):

As características centrais da tecnologia social têm a ver com a finalidade social, a forma equitativa e os critérios éticos e a justiça social com que beneficia as pessoas e os grupos sociais. Nesse sentido, um critério para avaliar se a tecnologia é social, ou não, é o resultado gerado em termos de benefícios e transformações sociais (p. 20).

Esses fatores foram apontados quando os trabalhadores afirmam a importância da assessoria, pois a falta de orientações, ajudas e esclarecimentos na forma como podem trabalhar dificultaria na produção e qualidade. No estudo ficou evidente a importância do conhecimento para interagir com a realidade grupal, ou seja, estar em conexão com a base social da organização do trabalho e a equipe da incubadora, participando dos questionamentos, técnicas, instrumentos e apoio especializado no sentido de propiciar maior disseminação da tecnologia social, como confirma o relato do docente da incubadora:

*A tecnologia social é importante pois é a base para ajudar um grupo a alterar seu contexto, seu trabalho, e a incubadora oferece esse apoio, em todos os grupos houve a aplicação da tecnologia social. Rediscutir, avaliar e entender o processo com grupo faz parte de uma tecnologia social.*

Já para os trabalhadores, muitas vezes eles não percebem os detalhes e os conhecimentos que estão inseridos em cada oficina ou no planejamento das atividades, ou seja, as visitas são vistas como importantes, mas a implicação deste trabalhador varia muito de empreendimento para empreendimento e, muitas vezes, o entendimento daquilo que é repassado é lento e demorado. Conforme o relato:

*Bem tem coisa que eu não entendo, eles vêm aqui fazem umas coisas que eu não sei não, eles querem que a gente aprende, mas as vezes a gente não entende... precisa explicar melhor e muitas vezes e lá na produção é que parece que fica melhor pra gente entender, quando eles fazem o trabalho junto também fica bom pra gente entender (trabalhador da reciclagem).*

Nesse contexto, percebe-se que há dificuldades no entendimento da proposta da incubadora e que o repertório dos trabalhadores é muito restrito. Socioeducativamente se faz necessária a avaliação de recursos e instrumentos práticos a serem aplicados, isso é, técnicas que colaborem com o entendimento dos trabalhadores dos empreendimentos para que eles possam participar de forma mais efetiva e assim reter os conteúdos repassados.

As incubadoras são responsáveis por assessorias em diferentes áreas, como a administrativa, contábil, jurídica e comercial; é importante o desenvolvimento de instrumentos, tecnologia social que possa ser acessada e entendida pelos

trabalhadores, para assim melhorar o seu potencial produtivo e, conseqüentemente, beneficiar sua renda e qualidade de vida. Segundo o relato do coordenador:

*[...] ela (a incubadora) também não pode ficar só no nível acadêmico, só de discussão, então, por isto é uma tecnologia social, nos ainda não alcançamos, estamos buscando formas para construir esta tecnologia social, de fortalecer esta Economia Solidária junto com os grupos e com a nossa equipe.*

Discutir o tema trabalho é um ponto importante para recuperar e inserir, como forma principal de organizar, os trabalhadores na proposta de Economia Solidária, o que pode ser aliado com as questões de educação citadas durante a pesquisa. Não se pode esquecer que o processo de aprendizagem não é um processo rápido: ele é lento e difícil, principalmente pelos aspectos culturais relacionados aos trabalhadores assessorados, que, de uma forma geral, enfrentam alto nível de exclusão social e têm no seu cotidiano uma realidade difícil de submissão e conformismo.

Outro problema apontado na pesquisa é a disseminação da autogestão, que é definida como uma modalidade de realizar atividades de forma que todos possam opinar e decidir democraticamente. Ficou claro que a equipe passa a aprender essa modalidade durante o envolvimento no projeto. O fato de utilizar em sua metodologia atividades que propiciem a autogestão e a autonomia daqueles que fazem parte da equipe pode, muitas vezes, causar um certo descaso ou falta de entendimento por parte de docentes, que não dão aos seus estagiários o necessário acompanhamento e entendimento desses princípios. Além disso, a ideologia da Economia Solidária pode causar dificuldades, apresentando-se como um grande desafio; o seguinte relato corrobora com esta ideia:

*Um dos grandes desafios são os próprios empreendimentos, porque com a economia capitalista as pessoas não estão preparadas para trabalhar com o princípio da economia solidária e autogestão. As pessoas estão acostumadas com o trabalho assalariado de funcionário e patrão. Existe o desafio de transmitir a autogestão, aonde a pessoa tem que ser proativa, ela mesma tem que resolver, porém na coletividade, de uma forma democrática e essa dinâmica é uma das coisas mais difíceis (Aluno Incubadora).*

Portanto, não se pode perder de vista que se trata de um processo de mudança de valores, de cultura, e, nesse sentido, a incubadora pesquisada realiza encaminhamentos para a educação formal, para a escola básica, e proporciona ainda minicursos e cursos extensionistas com diversos temas populares com vista a melhorar o nível formativo e cultural dos que participam da Economia Solidária. Essa forma de se trabalhar causa um forte impacto nos trabalhadores que dela participam e a educação foi apontada nas entrevistas como importante para o entendimento dessa proposta.

Estudos mostram que a autogestão pode se consolidar quando os trabalhadores se direcionam na busca de soluções por meio da auto-organização. Esses aspectos precisam ser discutidos por todos do projeto, mas evidenciou-se aqui o papel da universidade pela equipe que afirma que esta tem condição de proporcionar conhecimentos na área de autogestão e de auxiliar no processo principalmente porque tem mestres e doutores neste campo.

Percebeu-se ainda, que a universidade, por meio do Programa Incubadora de Empreendimentos Solidários, pode proporcionar uma maior integração pesquisa e extensão. Há espaço para a realização de atividades nessas áreas, bem como no ensino e formação em Economia Solidária. Cursos, divulgação em

diferentes áreas, apoio em feiras e aproximação das comunidades com a universidade podem diminuir as barreiras entre sociedade e universidade.

Um dos grandes desafios apontados na pesquisa está na visibilidade do projeto da Universidade que, de acordo com os entrevistados, acaba dificultando a ação capacitadora da incubadora, fazendo com que o projeto não seja conhecido e, desse modo, pouco valorizado, gerando a falta de docentes interessados em participar e uma limitação no espaço físico da própria incubadora. Tanto os docentes como os alunos se queixam de que esse espaço é inapropriado para exercer seus trabalhos de maneira efetiva. De acordo com um dos docentes, a incubadora ainda é um projeto que precisa se integrar mais com a universidade e, ao mesmo tempo, ter maior visibilidade dentro dela, para que seja possível também que as pessoas tenham conhecimento sobre a Economia Solidária e saibam o que pode ser feito nesta área.

De acordo com os entrevistados, a incubadora tem muito a contribuir para o fortalecimento tanto de questões acadêmicas quanto sociais dentro da universidade, porém a contribuição dada a ela é muito pequena.

*É a universidade que não reconhece, pois os alunos que já passaram por aqui têm uma formação interessante e verão de forma diferente os trabalhos, vão analisar a diversidade cultural e social de uma forma diferente. A universidade ainda não percebeu que ela tem aqui dentro um programa muito relevante e que poderia ser dinamizado, mas pra isso a gente precisaria se aproximar das instâncias da universidade, se aproximar de reitorias que têm mais a ver com a INTES. Poderíamos oferecer educação popular para as reitorias de ensino, poderia colocar economia solidaria na grade curricular de alguns cursos. Eu acho*

*que precisaria melhorar este aspecto (Coordenador da incubadora).*

Em relação à categoria de formação em Economia Solidária, tão evidenciada nas falas dos envolvidos, percebeu-se que este é o papel relevante da Incubadora estudada, isto é, o papel formativo está presente na equipe e junto aos trabalhadores assessorados. No entanto, também foi apontado que a Economia Solidária possui princípios e ensinamentos que em muitos momentos são difíceis de serem praticados.

O coordenador enfatiza a importância formativa do trabalho, mas também aponta dificuldades, como mostra o exemplo a seguir: [...] *trabalhar todos esses princípios e conhecimentos, trabalhar toda a comunidade, o território; valorizar os grupos, trabalhar as oportunidades numa perspectiva libertadora. Será que é possível atender tantas demandas?*

Percebe-se que o coordenador é bastante envolvido, questionando o que cabe à incubadora desenvolver. A importância formativa perpassa tanto pela equipe da incubadora como pelos assessorados. A incubadora, portanto, leva a Economia solidária para os diferentes espaços, discutindo e oferecendo ao trabalhador o entendimento desta proposta. O espaço de formação e aprendizado proporcionado pela incubadora é crucial para que a universidade aprenda a produzir um novo tipo de conhecimento, sem a qual a sobrevivência desses empreendimentos estará cada vez mais ameaçada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender a Economia Solidária é um esforço intelectual intenso e pode-se afirmar que, na incompletude desta pesquisa, há um conhecimento que está presente nos grupos e nas incubadoras, em uma dimensão material e imaterial, que precisa ser acessada, ligando outros elementos que possam criar condições de reprodução da Economia Solidária.

Esta reprodução está na criação de espaços de diálogo entre a Universidade e os trabalhadores assessorados. Ao discutir os receios, as esperanças, os resultados que cada grupo apresenta, as ajudas e trocas mútuas, é possível avaliar como os processos são realizados conjuntamente e, a partir disso, concluir como se dá a viabilidade e a importância de viver com base na Economia Solidária.

Nesse sentido, as incubadoras universitárias atuam estimulando esses relatos e auxiliando nas conclusões de forma a expandir as soluções e melhoria no desenvolvimento deste empreendimento.

O conhecimento das relações entre incubadoras e trabalhadores perpassa a realidade que os cerca e a pesquisa mostrou que ainda há necessidade de almejar e construir propostas educacionais que norteiem a produção de espaços portadores de Economia Solidária.

## REFERÊNCIAS

- Adams, T., Scholz, R. H., de Mello Cargnin, T., & Hossein, T. S. (2011). Tecnologia social e economia solidária: desafios educativos. *Diálogo*, (18), 13-35. Disponível em: <<http://sphinx.unilasalle.edu.br/index.php/Diálogo/article/view/101/118>>
- Brasil (2010). Decreto n. 7.357, de 17 de novembro de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares – PRONINC e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7357.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7357.htm)>
- Caregnato, R. C. A., & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto contexto enferm*, 15(4), 679-84. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>>
- Cruz, A. (2004). É caminhando que se faz o caminho: diferentes metodologias das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares no Brasil. *CAYAPA Revista Venezuelana de Economía Social*, 4(8), 38-57.
- de Oliveira Lussi, I. A., Tessarini, L. A., & Morato, G. (2015). Incubadoras tecnológicas de cooperativas populares: realidade da incubação de empreendimentos econômicos solidários com participação de usuários de serviços de saúde mental. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 26(3), 345-354.
- Eid, F. (2004). Análise sobre processos de formação de incubadoras universitárias da Unitrabalho e metodologias de incubação de empreendimentos de economia solidária. *Trabalho e educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária*. São Paulo: Ideias & Letras, 1, 167-88. Disponível em: [http://www.cultura.ufpa.br/itcpes/documentos/analise\\_sobre\\_processos\\_de\\_formacao\\_de\\_incubadoras\\_universitarias\\_da\\_unitrabalho.pdf](http://www.cultura.ufpa.br/itcpes/documentos/analise_sobre_processos_de_formacao_de_incubadoras_universitarias_da_unitrabalho.pdf)
- França Filho, G. C. D. (2002). *A perspectiva da economia solidária*. Gestão do desenvolvimento e poderes locais: marcos teóricos e avaliação. Salvador: Casa da Qualidade.
- Figueiredo, H., Araújo, M., & Goudard, T. M. (2000). Articulando pesquisa e extensão: buscando o diálogo entre a escola básica e a universidade. *Revista Participação*. Brasília, 4(7), 43-46.
- Freire, P. (1983). Extensão ou comunicação? tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. *Prefácio de Jacques Chonchol*, 7.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3.
- Gaiger, L. I. G. (2012). Por um olhar inverso: prismas e questões de

- pesquisa sobre a Economia Solidária. *Sociedade e Estado*, 27(2), 313-35. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269922012000200006&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269922012000200006&script=sci_arttext&tlng=es)>.
- Gallo, A. R., Dakuzaku, R. Y., Eid, F., Valêncio, N. F. L. S., Shimbo, I., & Mascio, C. C. (2000). Incubadora de cooperativas populares: uma alternativa à precarização do trabalho. *Economia solidária*, 1, 41-60.
- Gattai, S., & Bernardes, M. A. (2013). Papel e responsabilidades da universidade no processo socioeducativo presente em movimentos de economia solidária. *Revista de Administração Mackenzie*, 14(6), 50. Disponível em: <http://search.proquest.com/openview/df38284e9d0785f959737b0c668e9b4b/1?pq-origsite=gscholar>
- Gonçalves, D. M., dos Santos, L. M. L., & Capelari, M. G. (2012). Relações de poder na economia solidária: um caso de autogestão em Londrina, Paraná, Brasil. *Revista Capital Científico-Eletrônica (RCCe) -ISSN 2177-4153*, 10(1).
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, 22(37), 7-32.
- Serrano, R. M. S. M. (2013). Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. Grupo de Pesquisa em Extensão Popular. Disponível em: [http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos\\_de\\_extensao\\_universitaria.pdf](http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf). Acesso em, 13(08).
- SIES – Sistema de informação em Economia Solidária. (2007). Brasília, MTE. Gov.br.
- Santos, L.M. (2010). Economia solidária: propostas e perspectivas. In B. Borenelli et al. (Orgs.). *Economia Solidária em Londrina*. Londrina, UEL.
- Singer, P. (2002). *Introdução à economia solidária*. Fundação Perseu Abramo.
- Veronese, M. (2008). *Psicologia social e economia solidária*. Aparecida, SP: Idéias e Letras. Disponível em: <<http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/268/277>>
- 
- [1]. As ITCPs foram criadas em importantes universidades públicas e privadas. Envolve projetos de universitários de ensino, pesquisa e extensão. Hoje existem em torno de 100 universidades que possuem suas respectivas incubadoras, conforme dados do SIES – Sistema de Informações da Secretaria Nacional de economia Solidária. [2](<[www.finep.com.br](http://www.finep.com.br)> )
- Data de submissão: 01/06/2017  
Data de aceite: 20/08/2017